



# O livro “Geopolítica e Modernidade”, do General Meira Mattos

Phil Kelly\*

Um triunfo em matéria de Geopolítica é como se pode melhor definir o último livro do General Meira Mattos, *Geopolítica e Modernidade - Geopolítica Brasileira* (Editora Biblioteca do Exército, 2002). Um duplo triunfo. Em primeiro lugar, genericamente, para o reconhecido mérito da geopolítica do Brasil, como uma consistente acumulação de idéias e experiências, desde os tempos coloniais até, mais claramente, a partir dos escritos do Capitão Mario Travassos, no começo dos anos 30 do século passado. Mais adiante, desejo voltar a esse tema da consistência dos escritos de geopolítica dos autores brasileiros. Em segundo lugar, um triunfo que coloca o autor e especialista General Meira Mattos como um dos mais relevantes dentre os pensadores contemporâneos de geopolítica no hemisfério sul.

Em carta datada de 24 de abril de 2002, a mim pessoalmente dirigida, o General Meira Mattos escrevia que “este livro seria, talvez, o último livro, já que estou próximo de completar 89 anos”, em boa saúde. Eu fervorosamente espero que o último de seus

livros publicados não seja realmente o seu último livro, porque ele tem ainda uma vasta contribuição a oferecer no campo da geopolítica, particularmente no momento presente, quando tantos valores, na teoria e na prática internacionais, passam por uma transição. E é certamente esse tópico do atual período que a geopolítica atravessa, provocado pela globalização, que o General Meira Mattos corretamente define como de primordial importância no seu livro. Escreve, especificamente o General, em outra parte da citada carta que me endereçou: “*Estou procurando lutar contra os fanáticos da escola da globalização. Acreditam eles que a geopolítica acabou de conhecer sua opinião sobre meus argumentos contra a ameaça da globalização para a geopolítica.*” Como meus pensamentos neste tópico são paralelos aos dele, ficarei honrado em entrar na refrega ao lado dele, a favor da geopolítica e em oposição ao “discurso” ou à escola da globalização, como assim a designou o General Meira Mattos. Mas, antes, gostaria de comentar partes de seu livro que me atraíram particularmente a atenção.

\* Prof. Phil Kelly (PhD), Departamento Político, Emporia State University - Kansas - EUA.

Na primeira parte do livro "Fundamentos e Modernização", o autor delinea três fatores na formulação contemporânea da geopolítica - o geográfico, o político e o histórico -, insistindo, corretamente, que é o geográfico que, dos três, revela a qualidade mais dinâmica inerente à geopolítica. Porque é aí que se dá o impacto da tecnologia - o encurtamento das distâncias e do tempo, as comunicações instantâneas que reduzem as fronteiras políticas, a globalização ligando centros capitalistas, dentro de uma estrutura global fortalecida e, do outro lado, o Estado-Nação tornando-se um competidor, senão um prisioneiro das megas corporações comerciais. Entretanto, a despeito dessas enormes mudanças nas relações espaciais, o General Meira Mattos continua a ser um firme adepto da geopolítica e, assertivamente, rejeita a oposição de Gearoid O' Tuathail e outros, para os quais a geopolítica não é mais um ramo da ciência política que se tornou meramente uma "miragem". De fato, o General escreve que "a geopolítica está hoje mais bem aparelhada para avaliar o interesse nacional ou internacional em causa". Concordo com o General e gostaria de, adiante, voltar a comentar a este respeito.

A segunda parte do livro sintetiza os principais estimulantes geopolíticos do ambiente geográfico e a contribuição dos autores que construíram a geopolítica do Brasil desde o Tratado de Tordesilhas até os próprios escritos do General. Nas páginas 90 e 91 o autor destaca nove temas essenciais da geopolítica brasileira:

- a idéia de império inspirada na grandeza territorial e na missão de desbravá-lo que dominou o espírito de vários pensadores;

- a necessidade de uma política de interiorização visando a integrar e incorporar a imensa massa territorial inexplorada ao processo de povoamento, enriquecimento e fortalecimento do poder nacional;

- nesta política, acentuada prioridade vem adquirindo a consciência da importância do desenvolvimento e da defesa da região amazônica;

- o grau de valor de nossa maritimidade estará sempre assentada numa respeitada presença estratégica no Atlântico Sul;

- o desenvolvimento aeronáutico (transporte, vigilância e defesa) em face da extensão geográfica do País constitui-se em fator indispensável de integração territorial;

- em termos inarredáveis, impõe-se uma política de desenvolvimento econômica social, tecnológica e científica, abrangente a todo o território;

- prevalece o reconhecimento de que o Brasil possui condição para vir a ser uma das grandes potências de nível mundial, e para chegar a esta meta precisará melhorar o seu desempenho administrativo e acelerar o ritmo de seu desenvolvimento econômico e social;

- em face das ambições territoriais suscitadas pela sua imensa extensão territorial e suas riquezas inexploradas, o Brasil precisa ter uma força militar de dissuasão estratégica, capaz de desencorajar possíveis aventuras sobre o seu patrimônio geográfico;

- na defesa de suas aspirações, interesses e objetivos, o Brasil terá que se apoiar numa diplomacia firme e convincente.

No meu entendimento da geopolítica do Brasil esses nove temas representam uma completa descrição dos elementos regionais e estratégicos da política inter-

na e externa do País, tanto a histórica como a contemporânea.

Como explicar a linha de coerência da geopolítica do Brasil através de algumas centenas de anos? A esse respeito devo colocar várias explicações para uma tal consistência.

A posição continental do Brasil centrado na América do Sul de fato requereu uma política baseada na defesa militar, na integração regional, no desenvolvimento econômico e na proteção das áreas fronteiriças marginais e pouco povoadas. A ameaça de desmembramento territorial por agentes internos ou por vizinhos de origem espanhola ou mesmo norte-americanos foi real, mas as vantagens de uma posição central deram ao Brasil uma plataforma natural para a liderança continental e para o domínio das regiões interiores.

Ao contrário de outras repúblicas latino-americanas, só o Brasil possui posição geográfica e recursos para exercer uma influência global, requerendo para tanto uma geopolítica regional e estratégica confiável que forneçam maior consistência e profundidade à política externa.

A formulação da geopolítica brasileira derivou principalmente de um pequeno grupo de militares intelectuais e de civis intimamente ligados às Forças Armadas. Daí resultou a natureza evolutiva do País, os novos completam os temas de seus predecessores.

A composição da geopolítica ligada ao desenvolvimento dos temas da política

externa tornou-a relativamente elitista e afastada do debate público, mais uma razão para a sua consistência.

À semelhança do *Manifest Destiny* dos Estados Unidos, de um século antes, a política externa brasileira não foi permeada pelo debate, porque o Brasil é uma nação jovem em teoria geopolítica e esteve empenhado internamente em seu desenvolvimento e integração nacionais, procurando um *status* de coesão que refletisse o impacto de seu poder no contexto regional e global.

Numa orientação mais subjetiva, a geopolítica do Brasil só se voltou para a política externa e alcançou o seu sucesso particularmente durante os dois últimos séculos da expansão territorial e da integração das áreas interiores ao ecumenismo litorâneo, da liderança continental e da cautelosa relação com a América do Norte e do crescimento industrial tecnológico, fatores todos enumerados pelo General Meira Mattos no resumo dos temas geopolíticos mais significativos.

Em um sentido, o estratégico, a geopolítica dos Estados Unidos tem sido também tão consistente e bem-sucedida quanto a do Brasil. Os norte-americanos, enfrentando menos obstáculos que os brasileiros, empenharam-se na procura de seu destino natural, *Manifest Destiny*, no fim do século XIX e ocuparam com sucesso as terras do Pacífico Norte e as integraram ao país. A república norte-americana desde logo reconheceu que a sua sobrevivência como nação dependia de seu isolamento das

*Ao contrário de outras repúblicas latino-americanas, só o Brasil possui posição geográfica e recursos para exercer uma influência global, requerendo para tanto, uma geopolítica regional e estratégica confiável, que forneça maior consistência e profundidade à política externa.*

ambições dos estados europeus. Em consequência, logo se formulou a "doutrina Monroe", segundo a qual as nossas fronteiras e as de nossos vizinhos espanhóis deveriam ser mantidas sem interferências extracontinentais, particularmente da Inglaterra e da Alemanha. Também observamos que o grande continente da Eurásia, o maior e mais poderoso dos continentes do globo, precisava ser mantido dividido, ou pelo menos que certos enclaves em suas fronteiras periféricas permanecessem desligados do núcleo central, senão fora de seu domínio, para que ficasse garantida a segurança americana. De acordo com isso, os Estados Unidos manteriam os postulados de uma potência interna baseados na máxima geopolítica do isolamento, do desenvolvimento industrial, da integração e da presença na periferia do continente euroasiático, incluindo recentemente na sua história a Europa Ocidental, o Golfo Pérsico e a península da Coreia e, por fim, assegurando um preparo militar capaz de lutar fora da América.

Acredito que os brasileiros, como os norte-americanos, tenham lutado por valores geopolíticos estratégicos semelhantes. Eles também se sentiram movidos por paixões de seu destino manifesto, enfrentando o desafio das vastas extensões de florestas e desertos, assim como os povoadores hispânicos enfrentaram rudes altitudes andinas e a oposição da própria cordilheira e os estabelecimentos coloniais hispânicos impediram a presença brasileira no Pacífico e no Caribe. Também os brasileiros como os ianques temeram perder territórios vazios no interior do continente assim como na bacia amazônica ao Norte e, conseqüentemente, procuraram colonizar, es-

tabelecer guarnições militares, sistemas rodoviários e melhores vias de comunicação que conectassem essas terras aos centros litorâneos. Os brasileiros também lutaram junto aos ianques na Segunda Guerra Mundial no intuito de impedir que a aliança do Eixo dominasse a Eurásia e estendesse seu sistema político ao Novo Mundo. Em suma, as geopolíticas estratégicas dos brasileiros e dos norte-americanos têm pontos em posições globais similares na América e as resultantes históricas e as suas consequências têm provado ser bastante semelhantes.

O fato de os Estados Unidos se terem envolvido na geopolítica global mais do que o Brasil resulta de uma variedade de razões. Porém, basicamente, os ianques estão no hemisfério norte, geograficamente mais próximo das grandes potências dos séculos XIX e XX - os franceses, japoneses, chineses, alemães, russos e britânicos - e também ocupam as regiões temperadas do hemisfério, assim mais sujeitos aos desejos expansionistas que se manifestaram naqueles estados e cujas ameaças trouxeram maior insegurança para os Estados Unidos do que para o Brasil. Em contraste com o continente sul-americano, o norte-americano era mais rico em recursos naturais e em energia; sua topografia e seu clima permitiram um acesso mais fácil ao Pacífico e ao Caribe, atraindo assim mais cedo maiores ondas de imigrantes europeus e asiáticos qualificados, além do que fortunadamente estavam menos cercados por espanhóis (sofrendo assim menores ameaças fronteiriças) do que os brasileiros em sua parte sul da América. Resulta de tudo isso que os ianques estavam mais aptos a enfatizar seus interesses geopolíticos estratégicos num âmbito

internacional mais amplo, enquanto os brasileiros sentiam a necessidade de reforçar sua geopolítica regional. Porém, a despeito destas variações, continuo a afirmar que a natureza básica da geopolítica regional e estratégica de ambos, em larga escala, permanece bastante semelhante.

Se os elementos geopolíticos do Brasil e dos Estados Unidos são geralmente semelhantes, como ambas as nações ocupam posições similares no novo mundo, poder-se-á deduzir que os dois países tendem para ser aliados, tanto no sentido estratégico geral quanto no regional. Este tem sido normalmente o caso. Eu simplesmente não posso imaginar hostilidade ou rivalidade de longo prazo entre as duas nações devido ao interesse paralelo de ambas (embora desejem estabilidade política e econômica na América do Sul, ambas almejam o equilíbrio de poder na Eurásia, nenhuma delas quer interferências militares extracontinentais). O potencial para relações comerciais propícias entre os dois estados ultrapassa em muito as chances de ameaças ou mesmo de competição comercial por parte do Brasil. Além disso, o tradicional tabuleiro de xadrez do hemisfério sul, embora agora bastante tranqüilo, provavelmente condiciona a possibilidade de hegemonia política do Brasil na América do Sul. Então, o Brasil tem mais a ganhar com a integração sul-americana e, até mesmo, com a integração pan-americana através de sua participação na Área de Livre Comércio Norte-Americano (Alca), no mercado comum do Cone Sul, do que com políticas mais exclusivas de hegemonia e de alcance territorial até o Pacífico.

A diferença primária entre a geopolítica do Brasil e a dos Estados Unidos não está

nas políticas e nas posições nacionais respectivas, mas no reconhecimento popular e oficial da importância da geopolítica como base para a formulação e a execução da política exterior. No caso do Brasil, é claro que a geopolítica, como arte e como ciência, goza de muito mais prestígio e de uma aceitação mais positiva do que na república do Norte. A América do Norte tem oferecido notáveis autores de geopolítica, como Mahan, Nicholas Spykman, George Kennan, Henry Kissinger, Saul Cohen, Jack Child e Howard Pittman, porém as suas contribuições, diferentemente daquelas de Mario Travassos, Golbery do Couto e Silva, Therezinha de Castro e Carlos de Meira Mattos, têm sido afastadas, derogadas ou ignoradas.

Na América do Norte, a geopolítica não é reconhecida como um enfoque legítimo da política externa e, conseqüentemente, nenhum grande esforço intelectual tem sido feito para aprofundar a teoria e desenvolver a sua aplicação na prática política. Na realidade, o termo "geopolítica", no período de pós-Segunda Guerra Mundial passou a ser recebido com acusações pejorativas e fascistas. Um tal ambiente me parece ter sacrificado o reconhecimento e a contribuição da geopolítica norte-americana, enquanto no Brasil ela tem avançado, em parte, alimentada pelo solo fértil preparado pelo General Meira Mattos. O que não quer dizer que a geopolítica tenha sido excluída dos fundamentos da política estratégica norte-americana, e que a Doutrina Monroe, as teses das zonas central e periféricas e outras teorias geopolíticas não formem a essência do enfoque ianque em matéria de política global.

Volto-me agora para a questão da globalização e sua contribuição para o ale-

gado fim da geopolítica, como estudo e conhecimento analisado pelo General Meira Mattos. O conceito "globalização" continua a confundir por causa de suas múltiplas definições e suas premissas ideológicas. Para mim, globalização equivale ao sucesso global do capitalismo e sua vitória contemporânea sobre o socialismo, como se viu no colapso da União Soviética e no fim da Guerra Fria. Nessa concepção, o "Ocidente venceu" o mundo periférico graças ao seu monopólio da tecnologia e do capital, a sua habilidade para

atrair a energia e os recursos naturais dos não ocidentais, ao seu domínio sobre o comércio e a produção e ao seu êxito em reduzir tarifas e colocar sua produção nos mercados mundiais. Entretanto, o termo significa também o reconhecimento da superioridade da cultura e do espírito comercial da América do Norte, a defesa do capitalismo, do livre comércio e do *laissez faire* e a necessidade de uma interligação da corporação multinacional, em detrimento das forças de trabalho marginal, da proteção ambiental, da previsão governamental para a reforma social e para o conforto dos povos e das classes sociais que são incompetentes para competir no sistema capitalista.

Proponho o capitalismo dirigido ou regulado, porém temo que os desvios do puro capitalismo desarticulado tenha vencido dentro dos Estados Unidos, por causa de sua tendência ao monopólio doméstico, à superprodução e pelo fato de que foi o desemprego controlado reduzido por polí-

ticas governamentais inábeis, antitrustes, fiscais, de bem-estar. Infelizmente, tais políticas não funcionaram inteiramente, já que agências reguladoras e redistribuidoras não existem na área mundial. Seriam necessários anos de um governo confederativo mundi-

al mais forte para elas serem implementadas, porque a atual estrutura das Nações Unidas não consegue corrigir as distorções do capitalismo. Na verdade, prevejo sérios problemas adiante, criados pela globalização - aumento do terrorismo, estados falidos, enfermidade, pobreza, poluição, de-

sastre ambiental -, que deveriam levar ao coraço das instituições mundiais poderosas a suficiente coragem para impor a necessária reforma do capitalismo internacional.

Entretanto, a ascensão do globalismo não representa o declínio da geopolítica porque os dois conceitos ocupam dimensões inteiramente separadas, não estando interligados, dependentes um do outro, ou competindo entre eles. A geopolítica destituída de ideologia funciona unicamente como um aspecto espacial da formulação da política externa. Ela existe necessariamente, naturalmente e dentro de qualquer sistema nacional e internacional e em relação às posições geográficas relativas dos estados, regiões e recursos. Em conseqüência, a geopolítica contribui para a política nacional, tanto sob formas socialistas ou capitalistas como dentro de construções internacionais imperialistas, globalistas ou outras quaisquer. Em suma, a geopolítica continuará a existir, quer o globalismo exista ou não

***A diferença primária entre a geopolítica do Brasil e a dos Estados Unidos não está nas políticas e nas posições nacionais respectivas, mas no reconhecimento popular e oficial da importância da geopolítica como base para a formulação e a execução da política exterior.***

e viverá para ver o globalismo substituído por um outro "ismo" internacional, incluindo o federalismo mundial. Assim, o globalismo não ameaça a existência da geopolítica, já que ela é inerente a toda política externa e simplesmente não pode ser suplantada por qualquer outra força enquanto políticas externas forem necessárias aos estados e às coalizões de estados.

Uma outra ameaça à geopolítica, mencionada também pelo General Meira Mattos na página 51, pela numerosa escola da Academia Britânica, é a "geopolítica como discurso", que afirma ser a geopolítica uma "miragem", diminuindo dessa forma a sua importância para as políticas externas e para as relações internacionais. Eu tenho me oposto continuamente aos partidários do "discurso" por motivos semelhantes aos levantados pelo General Meira Mattos. Eles predizem o abandono da geopolítica porque definem o conceito inteiramente em termos da semântica (lingüística, palavras como símbolos e sinais) e não no seu contexto tradicional e, para mim, mais bem espacial. Palavras podem ser traiçoeiras, difíceis de definir e não raramente comunicadoras imprecisas e não vejo aqui a mais leve contribuição a uma melhor compreensão da política externa. E uma tal interpretação não pode de forma alguma assinalar o fim da geopolítica.

Ligada também à forma do "discurso" é a visão do "construtivismo social" das relações internacionais, na qual crenças, valores e percepções das elites compõem uma base importante para a compreensão da formulação e da complementação da política externa. De fato, crenças, valores e percepções "constroem" a política, e, conseqüentemente, precisamos considerar esse pequeno

grupo formador da decisão das elites como essencial à formulação dos negócios externos. Ao contrário da escola do "discurso", não sou totalmente oposto à visão construtivista, porque ela pode complementar e fortalecer certos aspectos da teoria geopolítica. Por exemplo, é óbvio que as elites criam e complementam políticas, e, em geopolítica, assumimos que essas elites estão atentas aos aspectos espaciais sobre os quais vão considerar as ações de política externa.

As elites podem negar a importância das posições geográficas e da localização dos estados, regiões e recursos, fatores essenciais em geopolítica, porém nós certamente retrucaremos que deverão assumir seus próprios riscos e perigos. Precisamos de maiores estudos nessas relações.

Oponho-me à solução do globalismo, do "discurso", porque as ameaças à geopolítica estão no desenvolvimento e no esclarecimento da própria geopolítica, uma solução que o General Meira Mattos compreende e para qual ele tão claramente tem contribuído, para a verdadeira expressão e fortalecimento da geopolítica contra tais ameaças. Concluindo esse artigo, gostaria de propor, sob forma de rascunho, alguns remédios que acredito possam conter os ataques à geopolítica e, de alguma maneira, contribuir para o seu desenvolvimento.

Proponho assim: Tornar mais clara a definição de geopolítica segundo suas dimensões clássicas; oferecer uma visão da geopolítica externa em termos espaciais; apresentar uma consideração da posição e da localização relativas dos estados, regiões e recursos, desimpedida das semânticas, das políticas de poder, da *real politik* e coisas semelhantes; desenvolver um modelo de geopolítica que contenha pressupostos es-

paciais, hipóteses e teorias consistentes que apóiem a explicação dos aspectos da política externa; reavaliar a geopolítica como uma visão legítima e necessária da política externa ao lado do realismo, da economia política, da dependência, do construtivismo social e de outros modelos aceitáveis de relações internacionais, desde que o conceito se clarifique por uma definição comum e por um fundamento teórico bem comprovado.

Repito que continuo a aplaudir as publicações e as idéias do General Meira Mattos

não só nesse seu último livro, como em todas as suas realizações e contribuições em geopolítica. Ardentemente espero que seu trabalho não termine aqui, mas prossiga como um expoente da geopolítica que todos nós desejamos como guia. Porque, para mim, ele, mais do que todos os outros, expandiu a contribuição das noções tradicionais da geopolítica para as relações exteriores e, ao fazê-lo, colocou o maravilhoso campo da geopolítica ao alcance das gerações presentes e futuras de estudiosos e agentes das relações internacionais. ●

## BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

### Coleção General Benício



#### *Cannæ e nossas Batalhas*

*H. O. Wiederspahn*

A obra compara a batalha Cannæ (206 a. C) com as de Tuiuti e de Avaí, objetivando evidenciar a aplicação de princípios fundamentais. Os ensaios que compõem o livro valem como estudos informativos e inteligentes de campanhas militares. Nele, os leitores encontrarão sínteses de batalhas e de doutrinas operacionais.